

AS FACES DAS PANDEMIAS BRASILEIRAS E SEUS REFLEXOS FRENTE ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS, EDUCACIONAIS E RACIAIS

Dejanira Santana de Andrade

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar o mapa geosocial/político brasileiro frente à pandemia e mostrar a realidade vivenciada aqui com a infestação do vírus da Covid-19. Fazer um levantamento geral nos diferentes aspectos, confrontando as visões, técnicos - teóricas apresentadas diante desse problema pandêmico. Identificar como está o processo cultural, social, econômico, e físico. Apontar a importância da alerta dos riscos que a nova realidade contemporânea enseja, quais os pontos determinantes e estancos no combate ao caos apresentado. Mostrar o papel das universidades no atual contexto do novo normal vivenciado, e como a nação tem suportado essa degradação social, nortear os rumos a serem tomados em direção a um quase incerto futuro.

Palavras Chave: Pandemia, Sociedade, Universidade, Educação, Afastamento

ABSTRACT: The objective of this work is to present the Brazilian geosocial / political map in the face of the pandemic and to show the reality experienced here with the infestation of the Covid-19 virus. Make a general survey on the different aspects, confronting the technical and theoretical views presented before this pandemic problem. Identify the cultural, social, economic, and physical process. Point out the importance of alerting the risks that the new contemporary reality entails, which are the determining and watertight points in the fight against the chaos presented. To show the role of universities in the current context of the new normal experienced, and how the nation has endured this social degradation, to guide the directions to be taken towards an almost uncertain future.

KEY WORDS: Pandemic, Society, University, Education, Removal

Capítulo 1

1.1 - INTRODUÇÃO

A palavra pandemia não é um termo novo, num breve conceito, a pandemia é um mal que afeta a todos os humanos na sociedade terrena. A pandemia é prejudicial a todo o eco sistema, e esse mal, provém do próprio homem, quer diretamente ou indiretamente. A pandemia provoca tristeza e dor, e nas suas características, o Brasil é o país que melhor retrata seus efeitos. São os males das injustiças vivenciadas desde os seus tempos de colônia, cujo recorte, reporta a uma devastadora febre pandêmica de mazelas sociais. Do Brasil colônia, império, até os presentes dias, este é o local que a pandemia não de desvencilha. O Brasil vive de um legado de sangue, morte, exploração, tortura, massacre,

extermínio, homicídios, e genocídio do seu povo. É desumana exploração do povo brasileiro desde os tempos europeu. Foram os europeus que aqui chegaram que apresentaram aos índios um futuro sem esperança e de dor, conseqüentemente, aos povos da África negra que de lá foram trazidos para cá. Foram os europeus que trouxeram consigo o mal, a pandemia mortífera, excludente, segregadora. A negação do direito foi o cálice de fel oferecido para esses contingentes. O vírus outrora presente, ainda deixou resquícios no momento e se alastra para o futuro e diante de tamanho descaso, o coronavírus afetou com maior intensidade o Brasil que sempre esteve despreparado.

1.2 - O contexto dos colonizadores em terras Brasileiras e a progressão da pandemia

O mérito da covid-19 se divide com outras mazelas, e apenas se sombreia diante do país que não respeita o seu povo. Fato é que o Brasil vive por si só uma pandemia interna insolúvel. A pandemia brasileira de 2020, que hoje vem da China, já se fazia presente aqui através de massacres, desgoverno, negação e indecisão. Hoje, vivemos um processo político de instabilidade, não sabemos qual a direção que estamos seguindo, por não ter um norte. O barco Brasil, está à deriva, e se depender da sorte os brasileiros naufragam. Há uma incerteza que provoca o receio, e o medo, é o labirinto que confunde quem o produziu, e de todos esconde a saída. O desrespeito aos direitos humanos, frente à possibilidade de queda da econômica, é fato cruel, é a vida humana em último plano. Apontar a ausência de recursos no combate ao vírus da Covid-19 demonstra a fragilidade do sistema e sua má administração. É a falsa democracia, é ditadura que se encontra travestida, e nada melhor que usar um sistema de governo eficiente, dirigido por um sistema cruel para acobertamento daquilo que se instala sobre o outro. É o meio de confundir sem ser confundido.

1.3 - Os europeus e seus rastros inapagáveis

Tem marcas que não se apagam e assim se deu nas relações dos europeus com as terras do Brasil, que data do ano de 1500. Através dos relatos na Carta de Pero Vaz de Caminha, primeira literatura formal do Brasil, videnciou o escrivão o futuro, a terra era fértil, produtiva, e boa de ser explorada, e que se prantando tudo dava. Aguçando a cobiça, fez a alerta da excelência do lugar, e da existência de pessoas nessa terra, os nativos. A terra produtiva, farta e generosa recebeu as primeiras mudas europeia da pandemia social. As pessoas que aqui viviam, compartilhavam entre si tudo que a terra produzia, eram livres e felizes, até aquela fatídica invasão vindas por caravelas. Pedro Alvares Cabral fincou o

marco de domínio, apropriação e subjugo. Foi a devastação continuada, de uma conquista, pelo engodo, e da exploração do homem pelo homem. Era o começo de pandemia brasileira. De presentes insignificantes, e reluzentes, pelo direito de retirar a vida, a terra, as riquezas minerais, ouro, prata, diamantes, além dos vegetais de boa qualidade, e todo território brasileiro. O povo foi dominado, mas não conseguiram lhe tirar a dignidade e o desejo de luta que é o forte dos brasileiros. A ambição territorial direcionou os olhos europeus para a África, e fez vir os negros, no ano de 1539 para o trabalho escravo. Este é o cenário.

1.4 - Um mal sem precedentes a vinda do império português e sua estrutura cultural brasileira até a universidade

Diante de tamanha prosperidade outro momento foi traçado pela fúria de Napoleão Bonaparte, o imperador da França, que afugentou o rei de Portugal, D. João VI, que se instala provisoriamente no Brasil, é assim que se acentua ainda mais o processo de exploração dos nativos e dos negros. Presencia-se a negação do outro que não se identificam como paradigma da sociedade moderna. Essa soberania política, precisava modificar a estrutura cultural, e a Universidade é o ponto chave. A academia, antes buscada fora do país pela elite, é submetida à regra do jogo político, se insere aqui como a primeira universidade brasileira elitista. Tal procedimento acentuou a desigualdade, e a divisão de riquezas entre as elites, quanto mais saber mais ambição e negação. Frente aos fatos, outras referências sociais se revestem para a luta. Falsa é a alternativa que assegura que a desigualdade mantém a sociedade unida, muito pelo contrário, aumenta o desejo de luta e resistência.

1.5 - A universidade moderna do império ao processo virtual em meio à pandemia

A universidade a princípio, posicionou-se como marionete político, com a sua autonomia atrelada à elite, assim como ocorreu na modernidade em países como a França, Alemanha e outros, o Brasil seguiu por esse percurso e tomou às mesmas tendências. As colônias da América espanhola já instituíam o seu processo cultural e o Brasil se vinculava às universidades europeias, não obstante, projetava a criação das universidades brasileiras voltadas à cultura dos colonizadores potencializando desigualdades educacionais. Mesmo restrita à elite, no século 20 durante a República Velha a universidade foi impulsionada no Brasil. É a luta por uma universidade voltada ao interesse social. Marilena Chauí na sua palestra dos 70 anos da UFBA traça o percurso da universidade brasileira em três

fases: universidade, como instituição social; universidade funcional, voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra altamente qualificada para o mercado de trabalho; e a universidade operacional, estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional e, portanto, pela particularidade e instabilidade dos meios e dos objetivos. Chauí Faz uma alerta às universidades institucionais, apontando às mudanças por ela sofrida dentro do espaço público até à sua privatização. Alega que, desde o surgimento dessa instituição no século XIII europeu, a universidade, foi tida como uma instituição social na sua “ação social, na prática social”, e no seu reconhecimento público, e por si, legitimada nas suas atribuições.

Tal alerta é a prova evidente que, possivelmente, as universidades sempre estiveram interligadas as forças políticas capitalistas e continuam sob às práticas, aparentemente autônoma. As interferências política de ideologias contrárias quiseram colocar as universidades subjugadas, ainda que autônoma, e se vivencia na atualidade. A autonomia, regras, normas e valores, base que a universidade se formou, vêm se perdendo para a organização marginal política. O ciclo desenvolvimentista teve várias fases, e seguido pelas universidades. E na contemporaneidade, outra vez se rende ao método do mercado capitalista. É a globalização, e o não democrático liberalismo. A universidade emersa em uma gangorra de vai e vem político. As novas estratégias é um golpe aos ideais de desenvolvimento autônomo. Os problemas enfrentados pelas universidades remontam séculos, serviu de espaço ao regime feudal que insiste em permanecer pelas interferências políticas e, frente à pandemia da Covid – 19, se vê ameaçada em sua autonomia. É a universidade organizacional dominando o saber e manipulando os sujeitos inseridos. É a deslegitimação da área do saber, e avanço da desigualdade cultural.

1.6 - A universidade e o novo sistema de ensino EAD

Com a nova pandemia, as universidades brasileiras que já vinham se adequando a essa nova era educacional de ensino à distância, EAD, movido pelas esferas políticas, com tendências internacionais e pensada para a formação de mão de obra a serviço do capital econômico, se rendeu ao sistema. Sem projeto próprio, e frente à pandemia, outra vez a universidade foi levada a se render por completo ao sistema de ensino de Educação à Distância (EAD). O pensar esse sistema de EAD através das tecnologias parece de excelência, mas traz embutido, sutilmente, um aprisionamento disfarçado de educação ampliada, pois limita a liberdade de expressão, controla o sistema educacional, tange

educador e educandos na direção incerta e bem controlados, são tangidos como boi ao matadouro, e coordenados pelo autoritarismo maquiado de democracia. A educação à distância, distancia o povo da luta, porque separa, vigia e controla aqueles que melhor percebem as táticas de um sistema inútil e perverso. O que era temerário agora é fato. A autonomia deixando de ser autonomia. Volta fervorosa da desigualdade educacional e social.

A universidade abriu espaço, e está no centro do cenário político, e no alvo da mira. O ensino remoto vai promover o desequilíbrio da instituição. A universidade já tinha empenhando sua bandeira de luta e resistência em desfavor dos favoritismos. Deixou a sua posição de entidade elitista para abarcar diferentes grupos, e poderá sofrer pelo desvio de conduta, está ameaçada a pagar esta conta, num total aniquilamento. É o criador querendo destruir o seu objeto. Iniciou-se pelos corte de verbas para o ensino, pesquisa e extensão, e a sua manutenção física. A universidade foi surpreendida e apanhada de armas baixas, lutou, e se viu na obrigação de ceder parcialmente, e suportar os efeitos. Fazer cair tão grande instituição pode ser pelo formato de ensino EAD. Algumas universidades brasileiras já haviam se rendido ao sistema de ensino online, em especial as particulares, pensado como meio de formar mais pessoal. Para o capitalismo além de proveitoso economicamente, serviria de mais proteção à vida dos membros da elite, já que as portas das universidades se alargaram para a entrada de diferentes classes sociais mediante cotas. O sistema EAD cria as misturas separadas, e muito bem embutidas, mas em nada homogêneas, porque dá para identificar todas as suas substâncias, é o chamado jogo político, o qual questionava a forma mais inclusiva do ensino à distância, para a mais falsa vantagem.

Partindo das amarras de outros países, o novo recurso modular EAD, sem se aperceber dos riscos dominador, parece deixar equilibrado socialmente a educação, e o Brasil ficará bem no seu papel de nível satisfatório de educação internacional. O caráter é aumentar o percentual de formandos em larga escala e em curto tempo, atendendo o mercado econômico. Maria Helena Souza Patto (2013) especifica essa mudança no hábito de ensino fundado pelo uso da tecnologia. Segundo a autora, o discurso oficial de promoção de uma nova forma do governo em cumprir seu dever de educar uma porcentagem significativa da população foi através do sistema EAD. Sendo assim, a tendência é aumentar o número de pessoas com nível superior.

Capítulo 2

2.1 - As cotas, o EAD e o suposto pensamento inclusivo

Um projeto de cotas para negros, índios e quilombolas foi pensado e colocado em prática, como ações afirmativas. A elaboração política semelhante a que se apresenta no formato EAD, inclusão. O que parecia aos olhos da sociedade ponto positivo, a classe de marginalizados, não sabiam o amargor da cedência política orquestrada. Naturalmente, a elite se revoltou ao ver a água e o óleo juntos no mesmo recipiente e espernearam. Logo foram acalentados ao verificarem que a separação seria rápida, mediante ferro e fogo. Os cotistas eram oriundos de escolas públicas, e na maioria vindas das Públicas militares; Federais como IFBA, e bem poucos das demais escolas públicas estaduais. Estes últimos tiveram sérias dificuldades de inclusão ou inserção. Os selecionados logo perceberam que não seriam facilmente abraçados dentro das instituições públicas. Sem qualquer tipo de suporte, a permanência ficou inviável, fracassaram na resistência, e logo muitos desistiram, ou eram descartados pelos coeficientes dos jubilamentos. Professores de tendência preconceituosa, não deixavam os cotistas atingirem o escore “sete”, e durante três semestres, e se numa mesma disciplina, de angústia e ilusão, sem êxitos, resultava em decepção. Assim se deu a inclusão dos classificados, os chamados, inhaca da Ufba. A água evaporando e deixando apenas o óleo. Os remanescentes lutavam pelos poucos recursos disponibilizados dos poderes públicos para ações afirmativas. A orientação era lutar por uma bolsa de iniciação à pesquisa muito disputada, e se adquiriam, logo perdiam pelas exigências de documentos comprobatórios de efetiva necessidade de hipossuficiência econômica do cotista. Sem ajuda do Estado, os cotistas já não eram, e deixavam os seus cursos cheios de revolta e vergonha, pois teriam que se explicarem perante parentes, amigos e vizinhos que participaram da alegria da aprovação para uma universidade pública. A entrada era por uma porta estreita e íngreme e a saída era pela outra muito mais estreita e pavorosa, que deixava marcas de dor e lamentos. Aduz Patto que, a aplicação do número de vagas nas Universidades Públicas Estaduais é a resposta à cobrança social de inclusão do contingente de egresso do sistema público de ensino médio nas universidades estaduais paulista, e a busca pela forma alternativa de formar docentes para o ensino médio. (PATTO, p. 304). O exercício a este sistema de educação à distância EAD, responde direito da educação de ser dever do estado. Vale lembrar que é na medida da possibilidade, é esse o termo que possibilita também a lacuna profunda de difícil preenchimento.

O que está embutido ente linhas e nas cartas política é o controle de todos por todos. Quer educação superior? Daremos com a mão direita e escancarada, e tiramos com a esquerda e bem escondida. Tudo está desvelado. Educador e educandos vão ficar sob o controle estatal. Regime de vigilância constante Virar à esquerda é falta gravíssima. A alerta é que a liberdade de expressão está comprometida, o falar em desacordo poderá gerar sanções, agora a ordem é gravar tudo e publicar. A universidade está policiada via on-line. A lógica é simples, se educar mais é o sentido, porque todos os que concluíram o ensino médio ainda estão fora das universidades federais do sistema EAD. O que faltou, será que foi aparelhos eletrônicos, o acesso à internet? A tendência é desistir antes mesmo de começar. O número de vagas continua sendo controlado, além do limite de tempo. É a ausência de inclusão digital. É o mesmo vínculo do pensamento medieval. Temos a união dos fortes pelos fortes, com separação dos pobres. O medo contemporâneo é da vigilância constante e de represália que acerca as universidades. Esta é a causa, a desigualdade social, educacional, cultural, e é a ponte que dificultou a passagem de outros seguimentos raciais, negros, índios, quilombolas, para dentro do sistema, e estes, tendem a ficarem como base. A aula presencial síncronas garante o afastamento definitivo, não da Covid-19 apenas, mas do saber cultural, e politicamente, de possíveis revoltosos que venham estragar o cenário político medieval que aqui se instaurou outra vez.

2.2 – O racismo remoto no distanciamento da pandemia via aula EAD

Negros, índios, brancos, ciganos, todos afastados e distanciados pelo novo mecanismo das aulas remotas na pandemia. Poderão ser identificados pelos sobrenomes? Silva, Santos, de Jesus, é o único meio. Muitos professores não ficarão sabendo quem é o aluno, a classe social, cor, etnia, religião, ideologias, a tela é o limite. Esse talvez seja o ponto positivo. Nada será como antes, os agentes serão secretos. Mas o professor não poderá se ocultar. Serão fiscalizados no que fazem, dizem ou ensinam. Este é o novo contexto do ensino moderno/contemporâneo e muito bem aprovado diante do enfrentamento do caos da pandemia vinculada à quarentena. A nova biometria, e não há a ilusão de que alguém estará a salvo. É o policiamento tecnológico digital e a construção da nova cidadania viciada pelo cruel sistema político. A tese desse sistema é ampla, submetem negros, índios, e quilombolas ao analfabetismo pela exclusão digital. É a negação no partilhar do ensino e do saber fazer, e isso é desumano. É o mesmo formato das cotas sem amparo, é ferir a dignidade do outro, e de fato, é racismo estrutural.

A pandemia da covid-19, é um passo para a realização do apartheid contemporâneo, que sai da referida política racial implantada pelos brancos na África do Sul negra, e adentra outros países agora via EAD. A minoria branca serão os únicos com direito a estudar confortavelmente no sossego do lar, e sem o perigo da violência urbana, tem um bom aparato e preparo tecnológico, modernos celulares, tablets, notebook, tudo para o uso das ferramentas de aprendizagem on-line. O pobre se tiver esforço, utilizará um rádio no ensino à distância para ser alfabetizado, mas não conta com o reforço no lar em decorrência das injustiças passadas e do grau de pobreza que produziu muitos analfabetos. O novo normal não passa de nova colonização no Brasil. Quantos, neste exato momento ficaram para trás, não puderam acompanhar as aulas, dispor da internet banda larga, para responder a exercícios nas diferentes plataformas digitais. É a chamada desconstrução do saber científico. Se negros e índios lutaram por um espaço, por inclusão social a luta não parou, hão de lutar por inclusão digital na busca da cultura. Agora é o meio para o fim do progresso marginal, ou o massacre do meio, que inibe o progresso. Quem decide é a luta.

2.3 - Índios e negros na luta pela sobrevivência da espécie frente ao coronavírus

A Luta não é apenas contra o vírus da Covid-19, mas o outro vírus mortal, que é o animal humano. A guerra já ultrapassa à dos Cem Anos, são séculos de luta e resistência de índios e negros, e as poucas nações indígenas que restam têm sofrido perdas significativas e grandes baixas. O mal não vem apenas pela pandemia da covid-19, mas tem sido o mecanismo atual para o mais doloroso extermínio de índios e negros. Os índios não têm assistência médica adequada, não há amparo aos doentes atingidos pela covid-19. A doença foi levada às aldeias pela ambição humana que foi às demarcações das terras indígenas explorar ilegalmente os recursos. Ailton Krenak (2019) apresenta sua posição para a necessidade de preservação das comunidades tradicionais, suas culturas a sua convivência harmoniosa com a sua ancestralidade e a natureza. Para o autor, a estruturação da humanidade moderna é baseada na ideia de dominação e exploração insustentável da natureza. Segundo Krenak o fim do mundo é vivenciado diariamente pelo epistemiscídio e o massacre das suas populações, pela Guerra Fria, na segregação da humanidade e na recorrente prática de apertar do gatilho e estes são os sinais de “fim do mundo”. Para o autor esse adiamento do fim do mundo configura-se em resistência. (KRENAK, 2019, p. 14).

Achille Mbembe, no seu ensaio intitulado Necropolítica, apresenta um forte significado que defini o termo necropolítica, que é atribuído à política da morte vivenciada pela prática do Estado de Exceção. A morte é a nova ordem, a nova regra, a qual está falseada pela política de segurança, de um Estado protetor. Nessa necropolítica visionada pelo autor é que nos vemos rodeados, e nela se tem a sensação de que cada um tem que ser obrigado a escolher o lado, o da defesa ou do ataque. Vivemos mergulhados em sangue. Nessa disputa, morte ou vida, não há meio termo, porque todos passam a serem vítima do sistema, ainda os que se declarem neutros, ou protegidos do Estado exterminador, esses pode também ser vitimas, pois, nessa disputa, a morte não escolhe apenas os selecionados para morrer, escolhe defesos e indefesos, ricos, pobres, negros ou índios, a bala é hoje perdida, e não se sabe de onde parte, só se tem noção do alcance.

2.4 - Brasil, a mais falsa democracia

A pandemia é uma tragédia porque que oferece como única alternativa de solidariedade o isolamento, mas isso pode enfraquecer a luta dos excluídos e fortalecer o posicionamento contrário a essa resistência. Boaventura de Souza santos percebe esse afastamento social, e entende necessário:

O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro. Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. (SANTOS, 2020, p. 7).

É uma estranheza por paralisar uma luta quase vencida, a retirada é estratégica porque ainda não se tem certeza se a pandemia é uma crise intermitente ou se vai cessar, mas se percebe a gravidade dos problemas que recai sobre os menos favorecidos, e a globalização não dá espaço para o retrocesso. O coronavírus assolou globalmente o homem, e não escolheu a quem atingir, é ser mau, mas é o verdadeiro ser democrático, não é racista, preconceituoso, e não escolhe a quem atingir. Vai ser difícil o coronavírus alcançar os privilegiados. O coronavírus encontrou o Brasil despreparado, com baixa imunidade, e só agora buscam resultados imunológicos de fora, de dentro, e de outras fontes. São as vítimas dos rejeitos sociais que se contaminam e podem levar à morte os amparados do estado. A tendência é negar dados, falsear resultados para esconder a face brasileira que estava oculta, e nos meios internacionais. O inimigo coronavirus mata pobres e mata

ricos, só que estes em menor número e não se culpa o vírus e sim o estado desigual. Há socorro aos ricos, há conforto no lar, e esses podem se manter isolados, e sem saírem de casa, tudo poderá chegar até a sua residência via delivery. Mas o novo medo contemporâneo, o Covid-19 que, para Boa Ventura de Souza Santos (2020) o identificou como medo caótico e ele traduz e desvela:

A pandemia é uma alegoria. O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). (SANTOS, 2020, p. 10).

Tudo vem deste polegônemo cultural denegador. A maldade social implantou o regime dispare, ricos e pobres sem conexão. Agora, todos são desvalidos. Para remediar conta-se com a Teoria da improvisação: de respiradores, hospitais, remédios, médicos, e todo o corpo hospitalar. O sistema de saúde insuficiente, ineficiente e desigual. Agora é pressa, é quer resultados das universidades atuantes e renegadas. A pesquisa, como objeto dos lucros, não foi pensada para agir com rapidez em casos emergentes. Os estudiosos lutam pela descoberta de uma vacina que combata o coronavírus e a universidade é o ponto chave e passou a ser cobrada por imediatos resultados. Diante dessa excepcionalidade e desse mecanismo racional superior se pensa na melhor opção a seguir. Para Santos (2020), há, talvez, dois tipos de situação: ou a pesquisa apresenta os seus avanços ou fracassam, e as instituições ainda que, com potenciais conhecimentos, são acuadas, não recuam, mesmo em decorrência de uma pandemia do coronavírus. Para Ana Luiza Pinheiro Flauzina (2014) o genocídio é um mal que vasculha e aniquila a sociedade, quer pelo extermínio em massa, quer por ações coordenadas e previamente calculadas configurando a destruição de um povo de uma nação, quer por razões políticas, sociais, culturais, religiosas. O que não se pode negar é que o genocídio, não se verifica apenas diante de uma pandemia. Para Flauzina “A criminalização do genocídio foi, portanto, inspirada pela noção primordial de que os grupos humanos devem ser física e culturalmente preservados.” (FLAUZINA, p. 121). Tal preservação não incluía necessariamente os marginalizados, e que agora são dizimados em grande número e dia após dia.

Diante de um desgoverno se vivencia a constante situação de violência dos vírus, militar e marginal, e direcionado aos negros e índios. É o genocídio, de um país de governos sem alma, que nega o direito a quem tem direito à existência. É a moldura que não dialoga

com a arte, pois na tela o que se vê é o traço de morte aos indesejáveis. As cadeias abarrotadas de negros em pequenos espaços este é o símbolo do genocídio de pessoas que são tratadas como animais nocivos. Felipe Milanez e Samuel Vida (2020) ressaltam que, “Resumidamente, as políticas de combate à pandemia adotadas estão centradas num eixo supostamente geral e universal que, no fundo, toma como medida as circunstâncias de vida e os recursos acessados pelos segmentos brancos da sociedade brasileira.” (MILANEZ; VIDA, p. 4). Os ricos estão em isolamento sem contato com pessoas infectadas, dentro da comodidade do seu lar e aguardando com tranquilidade o desenrolar de como se imunizar, apenas esperam que as universidades sejam capazes de produzir essa tão desejada imunização, e de certo, sendo o resultado positivo devem querer serem os primeiros a se imunizarem, preferencialmente.

A morte pela pandemia poderá ser o início da tão sonhada política de embranqueamento, não há de restar muitos negros, a vacina poderá demorar e até a sua descoberta não se sabe quantos negros e índios restarão. É o estado de exceção presente. A covid-19 é só mais um paliativo que foi inserido como o novo normal, deixar morrer, esse é o efeito que a população brasileira sempre vivenciou agora, se acentua diante da precariedade da assistência à saúde. As pessoas em situação de rua, vivem no constante desalento, sem a proteção do Estado, ficam expostas a esse vírus mortal, morrem sem diagnósticos, e como indigente. Por isso, é enganosa relação de mortos, de afetados, e curados da Covid-19, é a subnotificação, esta favorece o crédito da diminuição dos riscos, e leva às pessoas para as ruas como orienta o governo. Lêda Lessa Andrade Filha e Carlos Eduardo Soares Freitas (2020) apresentam versões semelhantes para a negativa no caso de subnotificação, esse procedimento informativo no caso da pandemia do novo coronavírus tem desvirtuado a realidade dos casos de morte e contaminados. As informações deturpadas dos dados sobre os números de vitimados, dificulta que governos de todos os países possam fazer uma avaliação correta da doença e assim, tomarem medidas públicas mais eficientes para o combate da doença, bem como, verificar se as medidas já aplicadas deram ou não, bons resultados, ou se mostraram equivocadas. É fundamental a notificação, pois a subnotificação será prejudicial, favorece o percurso do vírus da covid-19, e internamente se propaga sem embargos dentro de um país, e se multiplica externamente entre países e dizima com maior velocidade a população afetada.

2.5 - O curandeirismo, ciência de referência negra e indígena pode salvar vidas

Famílias impotentes se apegam aos remédios indicados pelo governo, mas sem prescrição médica, e fora dos olhos do direito penal. Assim, preferem confiar nas misturas naturais produzidas pelo curandeirismo, que frente ao perigo, deixa de ser crime, e se aplica como ciência do senso comum. Desprotegidos pelo Estado, as raças negras, e índias se apegam ao poder das ervas e contam com a sorte para manterem-se vivos. No sorraterismo oculto, as ervas medicinais têm dado significantes resultados. É o aprendizado que não proveem das pesquisas dos catedráticos, vem dos costumes. Tudo parece válido se a tábua é rasa e o mar turbulento. É o risco na aventura da sobrevivência, o não querer ver morrer os seus familiares pelo descaso estatal, e é a busca pela salvação para não ver desaparecer raças fortes que não se rendem.

3 - Considerações finais

A pandemia do coronavírus só serviu para escancarar a grande desigualdade social existe dentro do espaço democrático brasileiro. Esse momento de dor só veio desvelar a grave moléstia da questão racial que ainda é um grande problema a ser enfrentado no Brasil, que é um país na maioria de negros e vivendo como objeto de exploração e descaso dos governantes. Isso porque há negros a serviço dos brancos e poderosos. O direito é negado do nascer ao morrer, um povo sem direito e sem cidadania. O Brasil não é pensado para todos. Negros e índios promoveram o progresso da nação brasileira e não são os agraciados pelos direitos, assim, negam-se a aceitarem o sistema imposto e lutam por direitos e respeito. Diante do novo normal com a vida em jogo, se o mal do coronavírus sanar, e a batalha for vencida, a página for virada, vai ser possível tirar uma lição, a união de forças é quem poderá formar uma nação de gigante, se não mais se exclui ninguém. Democracia deve ser superior ao processo de pandemia, porque a Covid-19 não excluiu ninguém. Fugiu grandes e pequenos, fortes e fracos, ricos, e pobres, brancos, negros, índios, e o vírus não aceitou proteger os protegidos e nem desprotegidos, abraçou até o sufocamento a quem achou, e quer matar a qualquer um. Assim deve ser a democracia, abraçar indistintamente, só que, com o objetivo de proteger a vida e não de ceifar. A democracia saudável se faz em conjunto, porque é vã a luta contra os resistentes, pois nem a morte será capaz de fazer recuar e silenciar um povo destemido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHA, Lêda Lessa; FREITAS, Carlos Eduardo Soares. Subnotificações e o direito de saber: Covid 19 e outros casos. In: HIRSCH, Fábio Periandro de Almeida. **COVID-19 e o Direito na Bahia: estudos da comunidade da UNEB em homenagem à memória de Ruivaldo Macedo Costa**. Salvador: Editora Direito Levado à Sério, 2020, p. 150-162

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **As fronteiras raciais do genocídio**. Direito. UnB - Revista de Direito da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, p. 119-146, 1 jan. 2014.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 46 p.

MBEMBE, Achille. Direito Universal a respiração. In: <https://n-1edicoes.org/020>.

MILANEZ, Felipe; VIDA, Samuel. **Pandemia, racismo e genocídio indígena e negro no Brasil: coronavírus e a política de extermínio**. 2020. In: <https://www.clacso.org/pensar-la-pandemia-observatorio-social-del-coronavirus/>.

PATTO, Maria Helena Souza. **O ensino a distância e a falência da educação**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, Jun. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

TEIXEIRA, Francisco M. Pires; Dantas, José. **História do Brasil: da Colônia a República: 2ª grau**, São Paulo. Ed. Moderna, 1979.

Vídeo Congresso UFBA 70 anos - Abertura - Marilena Chauí